

Tribuna Operária

da Luta

Cr\$ 300,00

ANO V — Nº 162 — DE 9 A 15 DE ABRIL DE 1984



Cerca de 50 mil professores se reuniram na Praça da República exigindo 70% no reajuste salarial

Professores em greve mostram força da união

Cerca de 50 mil professores protestaram na Praça da República, diante da Secretaria da Educação, dia 5, contra a decisão do governador Franco Montoro (PMDB) de não atender às reivindicações da categoria — principalmente 70% de reajuste salarial. Os professores em greve realizaram uma passeata no centro da capital paulista. Carregando faixas com dizeres como "Cebola = Cr\$ 1.900,00. Aula Cr\$.....

1.458,00. Os dois fazem chorar" e portanto crachás pelas **diretas já**, os grevistas anunciavam a sua disposição de não voltar às aulas enquanto suas exigências não forem atendidas.

No ato ao presidente da Apeesp, Gumercindo Milhomem, foi enfático: "Estamos fazendo o primeiro grande ato em defesa da escola pública de São Paulo". Maria J. Brandão, da Associação dos Supervisores de En-

sino, falou: "Apoio nós temos dos pais, alunos, da população. De quem tem o poder nós queremos é resposta às nossas reivindicações, e não apenas declarações formais de apoio". Dentre os manifestantes surgiu a "árvore da miséria", muito aplaudida por todos: galhos repletos de recibos de pagamento dos mestres. O comando de greve anunciou que quase 100% da categoria está parada. Veja na página 8.

Comitê Nacional rechaça negociação

País não abre mão das diretas já

O povo brasileiro desautoriza qualquer tentativa de negociação sua exigência de eleições diretas já para presidente da República. Esta a decisão aclamada pelas 187 entidades presentes

em Brasília, quarta-feira dia 4, na plenária da Campanha Nacional Pró-Diretas. A reunião fixou um intenso calendário de mobilização popular até o dia 25.

Pág. 3

Força total no comício do Rio

Preparativos indicam que o 10 de Abril será a maior manifestação da história do Brasil. Pág. 3

São Bernardo enfrenta arrogância patronal

Em represália à "operação tartaruga" decretada pelos metalúrgicos de São Bernardo no final de semana, a Volks demitiu na tarde de quarta-feira cerca de mil operários. Em assembleia na porta da empresa, na madrugada de quinta-feira, os metalúrgicos decidiram não acatar as demissões e todos entraram na fábrica para continuar o movimento, que já reduziu em 60% a produção. Já a

Volks Caminhão suspendeu por três dias todos os horistas, que permaneceram acampados na fábrica de quarta para quinta, sem aceitar a punição. Há certa indefinição por parte das lideranças sindicais sobre os rumos do movimento reivindicatório. Em São José dos Campos e Taubaté há greves isoladas.

Veja na página 8.

As eleições no maior sindicato do Brasil

Em que condições os metalúrgicos de São Paulo elegerão em julho a diretoria de sua entidade de classe. Pág. 5

60 mil pelas diretas no comício de Recife

Cerca de 60 mil pessoas participaram do comício pelas diretas realizado na noite de quinta-feira em Recife. Os presidentes do PMDB, Ulysses Guimarães e do PT, Luís Inácio Lula da Silva, os deputados Marcos Freire e Miguel Arraes e o líder do PMDB local, Jarbas Vasconcelos, entre outros, falaram no ato do Largo de Santo Amaro. O representante da Comissão Pela Legalidade do PC do B, Alanir Cardoso, também usou da palavra.

Artistas como Fafá de Belém, Alceu Valença, Beth Carvalho, Geraldo Azevedo, Bruna Lombardi e Cris-

tiane Torloni igualmente prestigiaram o comício que contou com a presença de caravanas do interior de Pernambuco. Pela tarde foram realizados vários arrastos — passeatas — em direção ao Largo de Santo Amaro. O dia das mulheres, por exemplo, teve mais de mil pessoas. Embora Pernambuco seja governado pelo PDS, o prefeito de Recife cedeu a infra-estrutura para o comício, inclusive 250 ônibus. Mais da metade dos deputados do PDS pernambucano e o governador do Estado se declararam pelas diretas, mas não participaram do comício.

Ressoa no país a greve de fome por liberdade ou morte

Ampla solidariedade dos democratas ao protesto do último preso político, o jornalista Juvêncio Mazzarollo. Pág. 4

A Tribuna Operária vê-se forçada a fixar o preço de Cr\$ 300,00 por exemplar, devido ao abusivo encarecimento dos custos (o papel, por exemplo, subiu 53%). Renovamos aqui nosso apelo a todos os trabalhadores para que redobrem os esforços em apoio a este jornal. Ele depende exclusivamente de vocês para existir.

EDITORIAL

Confronto político

Delimita-se com nitidez cada vez maior um grande confronto político. Embora esse termo horrorize certas pessoas, é inútil trocar as palavras com a intenção de assim alterar a realidade. De um lado, de forma massiva e inequívoca, pronuncia-se a consciência nacional contra o sistema de governo atual, que conduziu o país ao desastre. É como forma de sair desta enfiada o Brasil em peso optou por eleições diretas-já para presidente da República. De outro lado, frontalmente contrário à vontade da nação, o governo teima em assegurar a continuidade do regime de arbítrio, de corrupção e de entreguismo. Sinal deste desatino é a declaração arrogante do general Figueiredo em 31 de março: "Manterei, pois, a eleição indireta para o meu sucessor". É o rei falando aos súditos. Ou melhor, é o ditador sobrepondo-se ao Congresso Nacional e ao povo.

Não só no discurso do presidente se evidencia o fechamento do governo a qualquer tentativa que não seja o enfrentamento. O Comando Militar de Brasília, sob o comando do tristemente famoso general Newton Cruz, provocadoramente cercou o Congresso Nacional com soldados do Exército, por ocasião da visita dos reis da Suécia. Divulga-se a existência de um esquema para sítiar a capital federal no dia 25 deste mês e repetem-se as ameaças de novas "medidas de emergência". As ordens-do-dia dos ministros militares, dia 31, destilaram ódio mortal à democracia e à campanha pelas diretas. E vai por aí. Comprometidos até o pescoço com os hediondos crimes praticados contra o povo e a nação nestes 20 anos, mas acuados pela presença de milhões de brasileiros nas ruas, os generais ameaçam com o único argumento que lhes resta: as baionetas.

Esta aí o impasse. O povo não tolera mais o regime. Os generais não aceitam largar o poder e os privilégios adquiridos pela força. Se os militares apelarem pa-

ra a brutalidade para conter as massas, estarão inevitavelmente radicalizando o quadro político. Enganam-se ao imaginar que podem sufocar o sentimento grandioso que empolga o país com os mesmos instrumentos que empregaram contra simples passeatas estudantis. Mesmo naquelas ocasiões muitas vezes os fascistas "quebraram a cara" diante do heroísmo dos jovens. Agora terão pela frente milhões e milhões.

Diante da intransigência dos poderosos, o povo também mobiliza novas reservas. As manifestações programadas para o Rio, no dia 10, e São Paulo, no dia 16, deverão marcar uma nova arrancada democrática. As grandes concentrações populares até agora aglutinaram centenas de milhares. Agora elevam seu nível e é possível superar a casa do milhão em cada uma delas.

A chave para vencer a truculência do regime não pode ser outra senão persistir no caminho da organização e mobilização de massas. Não o avanço isolado de certas parcelas, mas da frente mais ampla possível, sem qualquer estreiteza. Mesmo em relação aos vacilantes, trata-se de criticar sem romper a unidade. O essencial é ajudar o povo a discernir as diversas correntes em atuação, esclarecer e pressionar os setores menos conscientes, e incorporar novos e maiores contingentes na batalha.

Os operários, camponeses e demais trabalhadores despertam com grande entusiasmo para a luta política, levados pela campanha das diretas. Mas ainda jogam um peso inferior ao imenso potencial que representam. Nas organizações e entidades sindicais, populares, de bairro, de mulheres, de jovens etc, urge encontrar formas concretas para acelerar a unidade e organização das massas. A multiplicação dos comitês pelas diretas é que colocará as forças populares à altura do confronto, para impedir as vacilações na oposição e para derrotar as investidas da ditadura.



Os índios em Brasília: dispostos a defender o que é seu

Reunião nacional de índios acusa chefe da Funai

Em Brasília, 500 indígenas rechaçaram a política criminoso do Ministério do Interior e da Funai. Leia na pág. 4



Reagan fomenta estado de guerra contra a Nicarágua

O imperialismo norte-americano está fomentando um verdadeiro estado de guerra na Nicarágua e em toda a América Central. Empreendendo ações arrogantes, combinadas nas frentes política, diplomática e militar, o governo belicista de Reagan prepara febrilmente uma agressão militar com vistas a esmagar a revolução nicaraguense.

A escalada da guerra contra a Nicarágua cobrou impulso com a intensificação, nas últimas semanas, sob instigação e ajuda direta da CIA, das ações contra-revolucionárias das famigeradas Frente Democrática Nicaraguense (FDN), comanda por Adolfo Colero, e Aliança Revolucionária Democrática (ARDE), do tráfego e traidor Eden Pastora. Os mercenários da FDN e da ARDE inauguraram esta nova fase da luta contra o governo instalando minas com poderosos explosivos nos principais portos do país: Corinto e Sandino, no Pacífico, e El Fluff, na costa atlântica. Estas minas

já provocaram sérios acidentes: cinco navios estrangeiros e cinco nicaraguenses, alguns de grande calado, chocaram-se com as minas e sofreram graves avarias.

COMBATES NAVAIS
Recentemente, travaram-se intensos combates navais entre forças governamentais e grupos contra-revolucionários que fizeram incursões na Nicarágua pelo porto de Corinto. Os somozistas bombardearam o porto, atingindo o depósito de combustíveis, e sabotaram a represa de Salto Grande, suspendendo a energia elétrica na região.

Além das implicações milita-

res, esses atos de sabotagem acarretam prejuízos para o comércio exterior e para a atividade produtiva. O país já perdeu cerca de 1 bilhão de dólares em decorrência dessas ações.

Ao lado de tais atos, de indizível caráter terrorista, as forças contra-revolucionárias estão intensificando suas incursões militares no interior do território nicaraguense, principalmente a partir de Honduras, onde têm suas bases. Já se eleva a 5 mil o número de mercenários da FDN e da ARDE atuando dentro da Nicarágua. Os combates têm sido mais cruentos nas províncias de Jinotega, Nueva Segovia e Matagalpa. A pretensão da FDN, que já penetrou numa faixa de 50 a 60 km no território da Nicarágua a partir de suas bases em Honduras, é ocupar o povoado de San Juan del Norte, na província de Jinotega, e declará-lo "zona libertada" e aí instalar um "governo provisório", com o que tentará buscar legitimidade para alcançar apoio político e diplomático na arena internacional.

A intensificação das ações contra-revolucionárias das forças somozistas da FDN e da ARDE ocorreu simultaneamente à multiplicação das manobras políticas dos setores mais conservadores do empresariado e do clero católico que movem oposição sistemática ao governo sandinista. Enrique Bolaños Geyer, suposto presidente, dirigente do Conselho Superior da Empresa Privada (COSEP) e do Instituto Nicaraguense de Desenvolvimento (INDE), declarou por estes dias ser favorável ao adiamento das eleições marcadas para 4 de novembro, pretextando ausência de liberdades democráticas no país.

Enquanto isso, pesa sobre a Nicarágua a ameaça de uma iminente

te bloqueio militar ou mesmo de uma agressão armada por parte dos Estados Unidos. A rigor, a agressão já vem ocorrendo na medida em que as tropas da FDN e da ARDE são compostas de mercenários pagos e armados pelos Estados Unidos. Mas os EUA não se contentam com isso e preparam operações militares de maior envergadura.

AMEAÇA IMINENTE
No próximo dia 20, terão início no Caribe as manobras conjuntas denominadas OCEAN VENTURE 84, com a participação da Marinha, do Corpo de Fuzileiros Navais, da Força Aérea e do Exército dos EUA. Os próprios porta-vozes do Pentágono encarregaram-se de deixar claro o caráter intervencionista de tais manobras ao declararem que elas têm por fim "demonstrar e aperfeiçoar a capacidade dos EUA de proteger e preservar o livre uso das rotas marítimas de comunicação no Caribe e no Golfo do México".

Dias atrás, começaram a chegar a Honduras homens e armas dos EUA, a fim de se ultimarem os preparativos para as manobras militares terrestres denominadas GRANADERO I, que se desenvolverão de 30 de abril a 30 de junho. Delas participarão forças dos EUA, El Salvador e Honduras. Os exercícios, que terão como teatro de operações uma área do território hondurenho a apenas 70km da fronteira com a Nicarágua, incluirão treinamento especial em táticas de luta de "contra-insurgência" e desembarque de tropas aerotransportadas (para-quadistas).

Toda essa escalada militar, articulada ainda com os esforços para aniquilar a luta guerrilheira em El Salvador, enquadra-se nos planos do imperialismo norte-americano de fazer prevalecer o seu ditame e domínio na América Central.

Os EUA consideram esta região como o seu quintal dos fundos. Além da importância militar-estratégica de que se reveste para os planos bélicos do Pentágono, a América Central é uma espécie de feudo do grande capital monopolista, que tem aí grandes interesses. Trustes americanas, como a United Fruit Company e a Standard Fruit, obtêm lucros colossais nas "republichetas de banana" centro-americanas. A heroica revolução popular da Nicarágua, vitoriosa em 1979, vibrou um poderoso golpe nesses interesses racionais, libertando ditaduras que o Continente já conheceu. A Casa Branca jamais aceitou este desfecho dos acontecimentos e faz de tudo para dobrar a vontade do povo nicaraguense de construir uma pátria livre.

Mas o povo nicaraguense não está só na sua luta por liberdade e independência. Conta com a solidariedade de combate dos povos da América Latina que, por toda a parte, fazem ouvir o seu brado: TIREM AS MÃOS DA NICARÁGUA! (Jose Reinaldo Carvalho)



Repressão violenta a trabalhadores em Bruxelas

Governo belga reprime protestos dos operários

O governo belga deixou de lado suas veleidades democráticas e, literalmente, baixou o cacete nos operários e demais trabalhadores que protestaram, em Bruxelas, contra o congelamento de salários e a diminuição dos benefícios da previdência. Na falta de argumentos melhores para justificar sua intenção de jogar nas costas dos trabalhadores o peso da crise capitalista, a burguesia da Bélgica apelou mesmo foi para a repressão, e ordenou que a polícia dissolvesse, a cacetada, a passeata dos operários na capital do país.

Mineiros ingleses têm apoio dos ferroviários

A greve dos mineiros ingleses continua agitando o reino de Elisabeth II. Há um mês, os mineiros paralisaram seu trabalho para barrar o fechamento de várias minas, o que acarretaria um grande desemprego para a categoria. Apesar da violenta repressão policial, os trabalhadores continuam em greve. E contam agora com a solidariedade de seus irmãos de classe, os ferroviários, que também decidiram boicotar o transporte de carvão em todo o país. Das 175 minas britânicas, 121 estão paradas, graças à impetuosa luta dos operários.

Que diferenças do Fiel que conclamava os povos de toda a América Latina à luta contra os imperialistas ianques, opressores e exploradores das massas trabalhadoras de todo o Continente...

Guerrilheiros resistem no Sul do Líbano

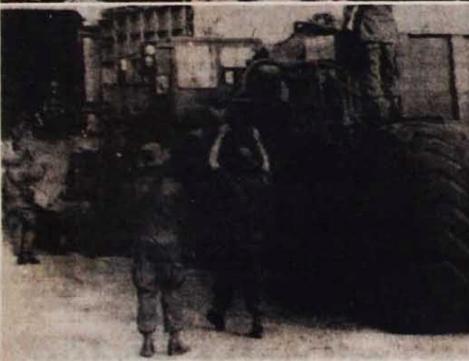
Os arrogantes sionistas de Israel realizaram um novo crime contra o Oriente Médio. Desta vez eles isolaram o Sul do Líbano do restante do país, cortando todas as vias de comunicação com a região. "Ou cortamos o Sul do Líbano do Norte, ou então o cortamos de Israel", rosou o ministro da Energia sionista Yitzhak Modai. Mas as tropas de Israel já estão recebendo o troco: palestinos e libaneses informaram que 13 soldados sionistas foram mortos numa ação guerrilheira na região.

Uruguaios realizam dia nacional de luta

Os uruguaios realizaram, domingo, 1º de abril, sua primeira jornada nacional de protesto deste ano. A noite, os populares fizeram o tradicional "cacerolazo" e apagaram as luzes de suas casas, a partir das 20 horas. Dezenas de milhares de cidadãos promoveram 13 concentrações em diversos pontos de Montevideo, a capital, condenando a ditadura militar e exigindo "anistia geral para os presos políticos, eleições livres, trabalho e salário digno".



O povo nicaraguense alerta para enfrentar os tanques que estão desembarcando em Honduras



Militares serão julgados por derrubarem o governo

Pela primeira vez na América Latina os generais golpistas vão ser julgados por terem derrubado um governo eleito pelo povo: a Justiça argentina vai processar, por "delito de rebelião", os três chefes militares do golpe de 24 de março de 1976. O general Jorge Rafael Videla, o almirante Emilio Massera e o brigadeiro Orlando Agosti substituíram o governo de Isabella Perón por uma ditadura monstruosa. Uma ditadura que torturou, assassinou e sumiu com os corpos de dezenas de milhares de opositores — e até de crianças. Além disso, escancarou as portas do país para os imperialistas.



Videla: golpes em julgamento

sinatos de opositores políticos em oposição permanecerem no poder. Há ainda seis oficiais-generais, que integram outras Juntas argentinas, que respondem a processos por crimes contra os direitos humanos.

ANTIIMPERIALISMO

Por seu lado, o povo argentino continua se mobilizando na defesa dos interesses da nação. Na noite de 2 de abril, 15 mil pessoas realizaram uma passeata em Buenos Aires para lembrar o segundo aniversário da guerra das Malvinas.

Atualmente Videla, Massera e Agosti já responderam a outros processos, pelas torturas e assas-

Uma escandalosa operação

Uma "operação realmente simples" mas de grande significado político e internacional", segundo o ministro brasileiro da Fazenda, Ernane Galvão, "salvou" a Argentina de não pagar 610 milhões de dólares de juros de sua dívida, que venciam no sábado, 31 de março. Nas últimas horas de sexta-feira, uma manobra de emergência articulada pelo Federal Reserve e o próprio Tesouro dos Estados Unidos "arrumou" o dinheiro, impedindo que os bancos credores registrassem oficialmente um calote argentino na conta dos prejuízos. O escandaloso, no caso, é que 200 milhões desse total foram conseguidos através de um "coleta" entre quatro dos maiores devedores do mundo: o Brasil (que deve 91 milhões de dólares), a Venezuela (27 bilhões), o México (89 bilhões) e a Colômbia (10 bilhões).

O México e a Venezuela entraram com 100 milhões de dólares cada, o Brasil e a Colômbia

com 50 milhões cada — todos sob pressão direta dos americanos. Desta forma, termina-se criando por debaixo do pano um tipo de associação dos endividados — conforme especulavam muitos observadores. Só que não é para resistir aos banqueiros internacionais e a seus juros, espaliantes, e sim para ajudar o sócio que eventualmente entre em pane a entregar religiosamente os lucros aos bancos.

No caso do Brasil, o empréstimo de emergência foi concedido através de uma ordem sumária do Banco Central, que liberou os 50 milhões na tarde de sexta-feira sem que houvesse sequer um exame técnico preliminar da matéria. Funcionou o esquema de "fazer tudo do mestre mandar". O desejo dos banqueiros foi prontamente cumprido, para evitar as comoveções que uma Argentina inadimplente provocaria em todo o edifício do endividamento mundial.

Numerosos ex-combatentes desfilaram em seus uniformes de campanha no Atlântico Sul. Um monumento ao ministro Jorge Caning, da Grã-Bretanha, na Praça dos Ingleses, foi derrubado e

Um jornal que contribui para o avanço da classe operária!



Aurélio Peres, com o megafone: apoio à Tribuna Operária

"Não posso deixar de elogiar a Tribuna Operária pela ação desenvolvida durante todos estes anos, principalmente junto à classe operária, levando a informação, o debate e ajudando na sua organização. Estou certo de que ela contribuiu em muito para o avanço da luta operária e muito poderá contribuir ainda".
Aurélio Peres, metalúgico, deputado federal pelo PMDB-SP.

Desejo receber em casa a Tribuna Operária. Envio cheque nominal à Editora Anita Garibaldi Ltda, no valor abaixo assinalado. Rua Adoniran Barbosa, 53, Bela Vista, São Paulo, SP, CEP 01318.

() Anual de apoio (52 edições) Cr\$ 20.000,00
 () Anual comum (52 edições) Cr\$ 10.400,00
 () Semestral de apoio (26 edições) Cr\$ 9.000,00
 () Semestral comum (26 edições) Cr\$ 4.500,00
 () Anual no exterior Cr\$ 50.000,00

Nome:
 Endereço:
 Bairro: Cidade: Estado:
 CEP: Profissão: Data:



Na reta final desta etapa da campanha pelas eleições diretas, antes da votação da emenda Dante de Oliveira, multiplicam-se manifestações em todo o Brasil. São inúmeras comícios no interior do país, muitos deles reunindo mais de 10 mil pessoas, o que mostra a pujança desta campanha cívica que une todos os setores oposicionistas. Por falta de espaço a **Tribuna Operária** apenas registra nesta coluna algumas destas manifestações, que mereceriam uma cobertura com maior espaço.

50 mil populares no ato de Londrina

Foi um comício pelas diretas e pela libertação de Juvêncio Mazarallo. Desta forma o Comitê Pró-Diretas avaliou o comício de Londrina, realizado no dia 2, que reuniu mais de 50 mil pessoas. Nele, pela primeira vez no Paraná, abriu-se a palavra para um representante da Comissão pela Legalidade do PC do Brasil, apesar da insistência de alguns elementos do PMDB que queriam impedir de falar, contrariando decisão do partido e do comitê suprapartidário. O então presidente estadual do PMDB, senador Alvaro Dias, defendeu que "todas as correntes do partido devem ter o direito à sua legalidade".

Feira de Santana faz o maior comício

Mais de 25 mil pessoas participaram no último dia 30 do comício pró-diretas em Feira de Santana, na maior concentração ocorrida no interior da Bahia. A cantora Fafá de Belém foi um dos destaques da manifestação, afirmando estar plenamente engajada na campanha. Ulysses Guimarães, presidente do PMDB, disse não abrir mão das diretas e descartou qualquer tipo de negociação com o governo. O deputado Francisco Pinto, principal liderança da região, foi carregado pela multidão ao final do comício.

Pedestista fala em Florianópolis

Um representante do Grupo Pró-Diretas do PDS, deputado Marcondes Marchetti, falou no comício de Florianópolis no dia 30, que reuniu cerca de 15 mil pessoas (10 mil segundo a imprensa local). João Guimarães, representante a Comissão pela Legalidade do PC do Brasil, também falou, culpando o regime militar pelos 20 anos de des-governo do país.

Presidente do PMDB ameaçado de morte

Com uma passeata de 2 mil pessoas, realizou-se em Lago da Pedra, no interior do Maranhão, mais um ato em defesa das diretas no dia 31 de março. Promovida pelo Comitê local, o ato contou com a presença do deputado Luis Pedro, do Bloco Popular do PMDB, e de representantes dos SIFRS (Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Esperantópolis, Almirante e Poço de Pedras). Os oradores denunciaram a violência reinante no campo e em especial a ameaça de morte que paira sobre José Maria Silva, presidente do PMDB local.

Estudante queima bandeira dos EUA

Cerca de 8 mil estudantes participaram do ato público na PUC de Porto Alegre, no último dia 28. A manifestação pró-diretas, que a reitoria tentou proibir, contou com a presença de artistas, parlamentares e de representantes dos partidos na ilegalidade, entre eles o PC do B. Já os estudantes da UFRGS realizaram uma passeata com a participação de 2 mil pessoas e nela foi queimada uma bandeira dos EUA.

Iris Rezende no ato de Araquá

No último dia 31, cerca de 3 mil pessoas participaram do comício em Araquá, no extremo norte de Goiás. O ato foi o ponto culminante do I Encontro Regional de Vereadores, Prefeitos e Lideranças Políticas do Norte do Estado. Entre os participantes do seminário estavam o governador Iris Rezende e o deputado federal do PMDB, Aldo Arantes.

Campina Grande reúne 15 mil

Cerca de 15 mil populares participaram do comício pelas diretas em Campina Grande, na Paraíba, no último dia 25. O representante da Comissão pela Legalidade do PC do Brasil, José Rodrigues, articulou aplausos ao defender a união do povo para conquistar as diretas e acabar com o regime militar. No roteiro de atividades em Paraíba já ocorreram atos em João Pessoa, com mais de mil presentes, e em Patos, com 8 mil pessoas.

"Repúdio do povo ao regime militar"

O forte frio não impediu que cerca de mil pessoas participassem, no dia 31, do comício pelas diretas realizado no bairro Cruzeiro, em Caxias do Sul. Para o vereador gaúcho Elói Frizato, integrante do comitê local, "o êxito da manifestação demonstra o repúdio do povo ao regime militar".

Mulheres realizam ato em Curitiba

O lema "Diretas já, direitos sempre" mais de mil mulheres se reuniram em Curitiba no dia 31. Participaram da manifestação mulheres de quase 20 bairros da capital, além de caravanas do interior do Paraná. Dirigido pelo deputado Fernando de Azevedo, o ato teve caráter suprapartidário e contou com a presença de várias entidades.

Sindicato baiano promove plebiscito

De 26 a 30 de março o Sindicato dos Metalúrgicos da Bahia promoveu um plebiscito na categoria, com urnas na sede sindical e em várias fábricas de Salvador. Dos 2.754 votantes, 2.487 votaram pelas diretas. Também foi criado um Comitê Metalúrgico Pró-Diretas, sendo eleita uma coordenação com seis ativistas e mais a diretoria da entidade. Renildo Souza, secretário geral do Sindicato já anuncia a realização de minicômícios nas portas de fábricas. O Sindicato dos Bancários de Salvador também realizou um plebiscito na categoria (dos 3.175 votantes, 3.514 votaram pelas diretas).

Vereador elogia a Tribuna Operária

Por indicação do vereador Américo Nicolai, da Câmara Municipal de Campina Grande, no Mato Grosso do Sul, enviou "votos de concordância" à Tribuna Operária pelo editorial "O Papel dos Comitês", publicado na edição 158. Nele o jornal defende a organização popular para impulsionar a campanha pelas diretas e dar-lhe consequência.

Paulistas vão a pé até Brasília

Cerca de 13 pessoas do Serviço Nacional de Justiça vão a pé em direção a Brasília em uma caminhada a pé de São Paulo à Brasília em favor das diretas já. Eles percorrerão mais de 1.200 quilômetros e nas dezenas de cidades que passaram realizaram manifestações. A caminhada durou 43 dias e chegou ao Congresso Nacional no dia 5, recebendo apoio dos parlamentares pró-diretas.

Comício pelas diretas em Cratêus

Com a presença de seis delegações de cidades vizinhas e de várias personalidades locais do Ceará, realizou-se em Cratêus, no dia 24, comício pró-diretas com a presença de 4 mil populares. Com a mesma vibração, no dia seguinte houve manifestação em Novo Oriente.

Cariocas na reta final do comício pelas diretas já

O Rio de Janeiro intensifica os preparativos para o comício-monstro pelas diretas, dia 10, quando promete colocar 1 milhão de pessoas nas ruas! Goiás também agiliza o seu ato, marcado para o dia 12. São Paulo convoca a passeata do dia 16. Os brasileiros se mobilizam para conquistar o direito de votar para presidente.



Desta vez o governador Leonel Brizola entrou firme na convocação do comício do Rio, mobilizando toda a hierarquia do governo para o dia 10. Os problemas permanentes do Comitê Pró-Diretas em relação a panfletos e cartazes também foram sanados com a entrega de farto material. Só no dia 2 foram distribuídos quase um milhão de panfletos.

POSIÇÃO INACEITÁVEL

Mas se por um lado o governador se lança agora na mobilização do comício, por outro cristalizou-se uma posição de inaceitável exclusivismo em relação à própria manifestação. A coordenação do CPD RJ, que abarca o OAB, ABI, partidos de oposição e diversas entidades populares, fechou uma posição unânime de inclusão da Comissão pela Legalidade do PC do Brasil e do Coletivo Dirigente do PCB na lista de oradores. O governo estadual, no entanto, está numa posição intransigente e sectária contra a falação de ambos os partidos. Esta postura incoerente atrapalha a ampla unidade necessária para levar adiante a campanha das diretas. Ainda não está claro qual vai ser o desfecho do impasse.

Enquanto isso o Rio realiza seus preparativos para a gigantesca manifestação. Na Assembleia Legislativa foi formada uma comissão suprapartidária pelas diretas, que inclui deputados do próprio PDS. Esta comissão já marcou uma sessão especial da Assembleia pelas diretas dia 9, véspera do comício. E os comitês locais vão diversificando suas ações. Antes da passeata do último dia 21 foram realizados inúmeros comícios em bairros e municípios. Desta vez a manifestação preferida tem sido a "carreada": passeatas de carros em Madureira, Niterói, Jacarepaguá, etc.

A Intersindical do Rio decidiu organizar colunas das diversas categorias para convergir sobre o comício. A União Nacional dos Estudantes também fará o mesmo, com bandeiras azuis e brancas da entidade.

Os trabalhadores na área de saúde, que realizaram uma poderosa greve dia 3, aproveitaram o movimento para convocar o ato pelas diretas já.

GOIÁS MOBILIZANDO

Também Goiás prepara o seu grande comício, marcado para o dia 12 na Praça Cívica. Cartazes, panfletos e adesivos convocando a manifestação estão sendo preparados pelo Comitê Suprapartidário Pró-Diretas. O governador Iris Rezende, do PMDB, anunciou que espera 200 mil goianos no ato. Ele garantiu que usará sua influência como governador para mobilizar o povo, e explicou que a sociedade luta por diretas "muito mais porque quer mudar, não a mudança do presidente em si. O povo quer as diretas como a única maneira de alterar a situação socio-econômica".

No dia 10 fica pronto o Placar das Diretas, sugerido pelo deputado Aldo Arantes, que será instalado na Praça do Bandeirante. Segundo Aldo, "os deputados que se colocarem contra as diretas serão levados ao conhecimento público, para que o povo saiba da traição que estão perpetrando".

SÃO PAULO AGITA

Também S. Paulo, que realizou uma imensa passeata dia 16, continua com seu povo mobilizado na luta pelo direito de escolher o presidente da República. Na Zona Sul, principal concentração operária da capital, já foi realizada uma "Festa-Comício", com a presença de todos os partidos de oposição, a Comissão pela Legalidade do PC do B, Pastoral da Juventude, grupos musicais etc. Mais de 2 mil pessoas compareceram no ato, realizado no Largo São José. E para sexta-feira, 13, o Comitê Diretas-Já - Zona Sul, integrado por partidos de oposição, Sindicatos e outras entidades, está convocando um Grande Comício no Largo 13 de Maio, às 18 horas. E mais uma atividade que se insere na preparação da "Grande Passeata de São Paulo rumo às Diretas". (da sucursal)



A plenária em Brasília reuniu 187 entidades sindicais, estudantis, de bairro e outras.

Diretas-Já são inegociáveis

As eleições diretas já são inegociáveis. O povo brasileiro desautoriza qualquer proposta de negociação que vise protelar o restabelecimento das eleições diretas para presidente da República. Esta foi a principal decisão da reunião plenária da Campanha Nacional Pró-Diretas, realizada quarta-feira dia 4 em Brasília, com 187 entidades de todo o país presentes.



Quando o presidente da OAB, Mário Sérgio Duarte Garcia, apresentou a proposta da Coordenação Nacional Suprapartidária, o plenário lotado do Auditório Nereu Ramos explodiu em aplausos e gritos de "Diretas Já!". A plenária aprovou também um calendário de mobilizações até a votação da emenda Dante de Oliveira pelo Congresso Nacional, onde destacava-se a decisão de fazer uma paralisação nacional no 25 de abril, dia da votação, e uma vigília cívica na noite anterior, em frente ao Congresso Nacional e em todo o país, como forma de legítima pressão popular sobre os deputados e senadores. Dia 11 haverá encontro em Brasília de vereadores, prefeitos e deputados estaduais; dia 13, reunião de coordenação nacional suprapartidária; dia 21, manifestação de prefeitos e vereadores no Memorial JK, em Brasília. Ficou marcada ainda uma reunião da

Coordenação Nacional Suprapartidária dia 26, logo após a votação, para avaliar seu resultado e definir os passos futuros.

A Coordenação irá solicitar uma reunião com o vice-presidente Aureliano Chaves e o senador Marco Maciel, provavelmente dia 23 ou 24, para tentar uma definição clara e precisa do seu apoio às eleições diretas e obter um compromisso de que eles iriam pedir aos parlamentares que seguem sua orientação para que votem a favor da emenda das Diretas.

Além disso, a plenária aprovou uma orientação para que todas as entidades desenvolvessem um trabalho de marcação homem a homem junto aos parlamentares ainda indecisos, fazendo visitas a suas casas, telefonando e buscando o apoio de seus familiares.

O presidente do PMDB, Ulysses Guimarães, comunicou à plenária de entidades

que os partidos de oposição estão tentando obter do presidente do Congresso Nacional, senador Moacyr Dalla, o compromisso de não adotar nenhuma medida restritiva ao acesso popular às dependências do Congresso, e a revogação da decisão anteriormente adotada de restringir o acesso às galerias apenas aos portadores de senhas distribuídas pelos partidos com assento no Congresso. "A senha é uma medida discriminatória e arbitrária que visa a impedir a presença do povo no Congresso Nacional. Não podemos concordar com isso. Também os anúncios de que serão solicitadas tropas federais para garantir a ordem representam uma provocação".

A decisão da plenária, de que as diretas-já são inegociáveis, amplia as condições para a vitória final da campanha, no momento em que ela atinge um ponto culminante. (da sucursal)

Colégio Eleitoral condenado à morte

"O Tribunal Tiradentes não é mesmo um tribunal, porque não foi feito para julgar, mas para condenar. Mas é uma consciência coletiva nacional que, esta sim, é um tribunal rigoroso, e que condenou o Colégio". Com estas palavras o professor Gofredo da Silva Teles exprimiu o veredito do julgamento simulado do Colégio Eleitoral, terça-feira em São Paulo.



Reunido pela segunda vez (no ano passado ele condenou a Lei de Segurança Nacional), no Teatro Municipal de São Paulo, o Tribunal Tiradentes teve como jurados representantes do PMDB (Ulysses Guimarães), PT (Lula), PDT (Rogê Ferreira), OAB, ABI, CUT, UNE, Andes, Igreja, juristas Dalmo Dallari e Hélio Bicudo. E o público quase lotou as 1.700 cadeiras do Teatro, a despeito da divulgação tímida e excessivamente centralizada pela Comissão de Justiça e Paz, que não permitiu um comparecimento maior.

Após o depoimento de várias testemunhas, coube ao advogado Samuel MacDowell de Figueiredo, a defesa do Colégio Eleitoral. E ele a desenvolveu com inteligência e argúcia, não só arrolando os débeis argumentos sempre repetidos pelos indietristas, mas expondo também o que chamou de "o real fundamento do Colégio Eleitoral", que se confunde com o fato de existir no país, desde 1964, um regime de fato que jamais se legitimou e que prescinde de da legitimidade para prolongar-se no poder.

O ex-senador e constitucionalista Paulo Brossard, em nome da acusação, desmontou uma a uma as falcatruas do Colégio Eleitoral. E rebateu a afirmação do general Figueiredo, de que não seria conveniente mudar agora o processo de eleição do presidente, mostrando como o regime modificou oito vezes este processo: em abril e julho de 1964, outubro de 1965, janeiro de 1967, outubro de 1969 (duas vezes), abril de 1977 e junho de 1982. Parte da plateia contendo, numa deplorável demonstração de intolerância que refletiu as debilidades da convocação, hostilizou e vaiou Brossard — o que deve ter agradado bastante os reais defensores do Colégio biónico.

Encerrando o julgamento simbólico, o professor Gofredo fez um emocionado e enérgico pronunciamento oposicionista — bem indicativo do grau a que chegou a indignação dos democratas brasileiros. "O hábito de cachimbo — disse — faz a boca torta. O presidente Figueiredo tem a boca torta, do cachimbo da ditadura".



Tribunal: "Feito não para julgar, mas para condenar"

Solidariedade em todo o país à luta de Mazzarollo

Até o encerramento desta edição, continuava sem solução o caso do jornalista Juvêncio Mazzarollo, único preso político do país, em greve de fome desde 28 de março exigindo a revisão de sua pena e a consequente libertação. Desde que lançou a todo o país o apelo "Liberdade ou Morte" o combativo democrata tem recebido a solidariedade de todo o Brasil.

No último dia 3, Juvêncio recebeu a visita de parlamentares e secretários de Estado do Paraná, as quais anunciaram a formação de uma comissão inter-

partidária, representando o Legislativo Estadual, que neste mesmo dia se dirigiu a Brasília para contatos com o presidente do Supremo Tribunal Federal,

ministro Djaci Falcão, e com o ministro Abi Aekel, da Justiça. A comissão, composta por três deputados do PMDB e dois do PDS, pretende pressionar as autoridades judiciárias para que deem prioridade ao pedido de liberdade condicional e adequação da pena no novo texto da Lei de Segurança Nacional, impetrado pelo advogado de Mazzarollo há três meses e até agora sem decisão.

O jornalista recebeu ainda a solidariedade dos arcebispos e do bispo-auxiliar de Curitiba, Dom Pedro Fedalto e Dom Albano Cavalim, que também prometeram intervir junto às autoridades para a sua libertação.

Diversos deputados e políticos têm comparecido ao quartel do Corpo de Bombeiros no bairro do Portão, onde Juvêncio se encontra preso. Inclusive o deputado federal e o secretário do Interior do Paraná, Nelson Friedrich, que distribuiu uma nota à imprensa, enviada também aos ministros da Justiça, da Casa Civil da Presidência e a todos os deputados federais e senadores. O deputado afirma que "nada justifica sua permanência (de Mazzarollo) no cárcere, como nada mais justifica, diante do clamor da sociedade, a vigência de limitações às liberdades políticas."

Enquanto isto Juvêncio Mazzarollo, embora abastado fisicamente, mantém moral elevada. Ele afirma com decisão: "Se houver um mínimo de decência neste país, é claro que serei libertado.

Na realidade, nunca deveria ser condenado."

Em Curitiba, sete pessoas, desde o dia 3, entraram também em greve de fome em apoio ao preso político, e armaram um acampamento no centro da cidade onde se realizam minicongressos para escalfecer a população.

Em São Paulo, na reunião do Tribunal Tiradentes, na terça-feira (ver pág. 3), foi unânime o protesto pela injustiça contra o jornalista. Além disto, mais de 30 entidades participantes do Comitê Paulista Pró-Diretas, como a UBES, UNE, Andes, CPB, as Executivas regionais dos partidos de oposição, a Comissão pela Legalidade do Partido Comunista do Brasil, assinaram uma moção de solidariedade, que foi entregue a Mazzarollo pelo presidente da UBES, Apolinário Rebelo (veja box).



Os índios reunidos em Brasília exigem a demissão do presidente da Funai

Reunião nacional dos povos índios

Cerca de 450 índios dos quais 150 caciques de 80 tribos de todo o país, realizaram em Brasília, de 2 a 5 de abril, o II Encontro Nacional dos Povos Indígenas. A discussão foi principalmente sobre o pedido de demissão imediata do presidente da Funai, Otávio Ferreira Lima, e sobre o novo projeto de Código Civil, que reduz o índio à categoria de "absolutamente incapaz".

O deputado Mário Juruna encaminhou ao presidente Figueiredo um documento com mais de 330 assinaturas mostrando que "Otávio Ferreira Lima tem usado sistematicamente a força policial para reprimir comitês indígenas que chegam a Brasília". O texto diz ainda que o conflito com os Txucaramãe no Parque do Xingu poderia ser evitado "se o presidente da Funai tivesse agido com seriedade e tato nessa questão".

A Funai foi criticada por quase todos os oradores. O índio Hibes de Freitas, da tribo Wacú, de Alagoas, acusou a entidade de querer tirar-lhes como escravos, enquanto seus direitos "só se utilizam dos índios como ponto de apoio para seu enriquecimento".

O auditorio Nereu Ramos foi totalmente ocupado pelos índios com cocares e bordunas, relatando seus principais problemas. O povo Código Civil, que passa o índio da condição de "relativamente incapaz" para a de "absolutamente incapaz", foi

condenado por unanimidade. Para um dos índios presentes, "se esta fórmula jurídica for aprovada, nós vamos perder nossos direitos, porque vamos ser considerados como loucos".

Outros projetos em curso no Congresso, e discutidos pelos índios, permitem a abertura de estradas e a penetração de empresas de mineração nas reservas indígenas. Se aprovados, o Incri, os governadores e os prefeitos poderão intervir diretamente na demarcação das terras indígenas, à revelia mesmo da Funai.

A questão da demarcação das terras é vital para os índios. No Nordeste nenhuma reserva está demarcada e em outras regiões ocorrem invasões dos territórios indígenas. Foi denunciado também, que as companhias de mineração no Norte do país vêm ocupando impunemente estas terras. No dia em que começou o Encontro, chegou a notícia de que policiais haviam invadido a reserva dos Potiguares, na Paraíba.

"Minha visita a Juvêncio"

Cheguei ao corpo de bombeiros às 17.15 horas do dia 1 de abril. O guarda me informou que o horário de visitas havia se esgotado. Argüentei que vinha de outro Estado e que mesmo um contato de 15 minutos com Juvêncio valeria a pena. Acabamos conversando por quase quarenta minutos. Nem senti o tempo passar.

Alguns passos e chegamos a uma sala especial onde estava sentado o jornalista Juvêncio Mazzarollo. Deu-me uma sensação de segurança e respeito, pois entrara em seu quinto dia consecutivo sem se alimentar, demonstrando um grande espírito de decisão e segurança na posição adotada. Ao seu lado estava o professor Isaias Ogligi, presidente da Associação dos Professores

do Paraná (APP), que vinha trazer o seu apoio e o da Confederação dos Professores do Brasil (CPB).

Uma mesa com flores, os jornais do dia, e um pequeno fogão onde fervia um chimarrão, muito gostoso por sinal — único alimento de Juvêncio nesta greve de fome —, uma televisão e um beliche completavam a sala.

Diversas vezes Mazzarollo reafirmou sua disposição "de levar até o fim o meu jejum, pois quero somente a minha liberdade. Esta decisão foi pensada durante longos períodos de reflexão, só a minha liberdade fará eu voltar atrás". Declarei a ele que não medirei esforços para tornar a luta por sua libertação uma causa de todos brasileiros.

(Apolinário Rebelo)



Estaremos mesmo saindo da crise?

O aumento nas exportações no primeiro trimestre de 1984 e mais alguns indicadores de curto prazo da economia levantaram um debate acalorado: Será que a economia está se recuperando? Delim Netto rapidamente aproveita a ocasião, afirma que, se continuar a sua política, cresceremos até o fim do ano. Será que estamos saindo da crise?

Os principais indicadores econômicos são contraditórios. Há sinais de recuperação, mas há também sinais de aprofundamento da recessão. É precipitado dizer que haverá recuperação em 1984. Além disso o governo, através de truques safados — como o "excesso" de 10 trilhões na arrecadação dos impostos —, vem injetando recursos a curto prazo para criar um clima político favorável às eleições indiretas.

As exportações realmente tiveram um avanço significativo no primeiro trimestre de 1984, crescendo 20%. Isso tem influência sobre a produção interna industrial e agrícola. Contudo os vultosos superávits — 2,4 bilhões de dólares em três meses — são arcançados como sangue do país, principalmente através do achatamento das importações que caíram 18%.

A indústria paulista, após mais de 14 meses com pesadas quedas, registrou crescimento em janeiro, e em março o nível de emprego aumentou 0,2%. Entretanto esse fenômeno já ocorreu no primeiro semestre de 1982, e não representou uma recuperação. Ao contrário, pouco depois mergulhámos mais uma vez num forte período recessivo.

OS SINAIS SÃO FRACOS

Para que os fracos sintomas confirmassem uma reativação profunda, algumas condições básicas teriam de surgir. Os juros deveriam cair, e não é esta a tendência atual — no último mês os juros internacionais subiram 0,5%. A inflação precisaria cair significativamente; no entanto parece hoje estar gradada no patamar de 230%. A política cambial teria de mudar radicalmente, com desvalorizações do dólar

muito inferiores, permitindo fechar o ciclo vicioso da inflação.

Outra mudança fundamental seria na política salarial. Com o brutal arrocho decretado pela lei 2.065 é praticamente impossível uma recuperação sustentada do comércio varejista. Enfim, sem grandes modificações na atual política, ditada pelo FMI, as coisas se complicam.

Por outro lado, é necessário meditar sobre onde nos levaria o crescimento preconizado pela dupla F-F (FMI-Figueiredo). Os "sintomas" descritos como "reativação" apontam para um agravamento brutal da dependência econômica. Nessa visão, o Brasil seria um grande parque exportador de manufaturados de baixa tecnologia e muita mão-de-obra barata, o suor de nosso povo se transformando em juros da dívida externa. Essa proposta é bem clara nos discursos e projetos de Roberto Campos ("Bob Fields"), que chega a propor a transformação do Brasil em Coréia, Hong Kong, Singapura ou Taiwan; verdadeiros pólos industriais colonizados.

A questão da reativação é também um problema internacional. Estaria o capitalismo internacional saindo da crise? Os fatos não apontam para essa direção. É verdade que a indústria norteamericana cresceu 16% nos 12 meses de 1983 e que tem mantido um certo crescimento em 1984. Mas, porém, um crescimento inchado com enormes déficits públicos, atraindo capitais especulativos do mundo inteiro e disparando os juros mundiais.

Em toda crise há setores e países que concentram a produção e se fortalecem à custa dos outros. Os americanos estão pon-



Exportações: um crescimento só comparável ao brutal corte nas importações

do em prática um plano de modernização, militarização e pesquisa, deslocando para a periferia as indústrias "sujas", que requeiram mão-de-obra barata, tentando concorrer com o Japão e a Europa.

Um exemplo disso aconteceu com os automóveis, que têm grande peso nos superávits comerciais que o Brasil tem conseguido. Porta-vozes das multinacionais declaram que um carro

fabricado no Brasil pode chegar ao mercado americano a um preço mais baixo do que os carros japoneses.

Para entrar nesse esquema, o Brasil é forçado a abandonar seu mercado interno e qualquer tentativa de desenvolver tecnologia avançada. Seriamos exportadores de manufaturados de baixo nível e compradores de alta tecnologia.



A Contag lançou em Brasília a Campanha pela Reforma Agrária

Contag analisa a batalha feroz pela terra no país

José Francisco presidente da Contag, foi veemente durante o Encontro Nacional Sobre Conflitos de Terras, realizado em Brasília de 1º a 4 de abril: "Use a espingarda, a foice ou o que tiverem à mão para se defenderem", disse aos camponeses. A reunião, promovida pela Contag, contou com a presença de 22 federações e mais de 120 trabalhadores rurais de todo o país. No dia 3, houve o lançamento da campanha pela reforma agrária na capital federal.

O Encontro avaliou as lutas desenvolvidas pelos camponeses durante os últimos 15 meses, enfrentando a violência dos grileiros e latifundiários. Os dados apresentados mostram que os assassinatos de lavradores têm aumentado muito. Em 1983, foram mortas 42 pessoas, entre as quais vários líderes sindicais — número quase três vezes maior que nos anos anteriores. Somente nos três primeiros meses deste ano, já foram assassinados 16 trabalhadores rurais, sendo 10 no Maranhão.

Apesar da violência crescente, a organização dos camponeses também aumentou muito, o que lhes permitiu algumas vitórias importantes. Embora seja maior o número de espancamentos, ameaças e mortes, diminuiu o número de pessoas expulsas da terra.

A ampliação dos conflitos de terra está relacionada com a brutal concentração da propriedade da terra em poucas mãos, que se agravou nestes 20 anos.

Cerca de 12 milhões de famílias residentes na área rural não possuem terras ou as possuem em porção insuficiente para sua manutenção. Por este motivo, a luta pela reforma agrária é a principal bandeira das entidades sindicais rurais. A solução para a violência no campo depende fundamentalmente da distribuição da terra para os camponeses.

Jardel de Paula, líder dos lavradores de Cachoeirinha, em Minas Gerais, que após 17 anos de luta conseguiram a desapropriação das terras de onde tinham sido expulsos, afirmou: "Nós queremos a reforma Agrária porque estamos passando fome".

José Francisco, da Contag, acha que a reforma agrária deve vir junto com outras mudanças no sistema econômico. Mas, enquanto estas medidas não se concretizarem, conclama seus companheiros a se organizarem para que não percam a vida diante da violência cada vez maior.

Concorrida palestra de Amazonas



"É hora de criar os comitês"

Com o plenário do Sindicato dos Metalúrgicos inteiramente lotado, o dirigente comunista João Amazonas proferiu, no último dia 30 à noite, a palestra de encerramento do seminário "Brasil: soluções políticas para a crise", promovido em Campinas, SP, pelo deputado estadual Manoel Moreira. Foi de longe o dia mais concorrido de todo o seminário, destacando-se a massiva presença de operários e lideranças populares.

Amazonas chegou a Campinas à tarde, sendo recebido no

salão nobre da Câmara Municipal por vereadores, cerca de 20 representantes de entidades sindicais, de bairros, de estudantes, e de mulheres, e por toda a imprensa. Logo em seguida esteve no gabinete do prefeito José Roberto Magalhães Teixeira, com quem trocou ideias sobre a realidade política atual e sobre a campanha pelas eleições diretas já.

Em entrevista à imprensa, e na palestra o dirigente comunista frisou que a solução para a crise atual passa necessariamente pelo fim do regime militar, e que

nesta luta a campanha pelas diretas representa papel fundamental. Amazonas defendeu a importância da criação dos comitês populares unitários pelas diretas e o direito do povo subir aos palanques nos atos e comícios, falando pela sua própria voz. Por outro lado, combateu o monopólio do movimento, tentado por figuras de proa dos partidos e governos oposicionistas. "O interesse pelas eleições diretas é de todos os democratas, não se justifica que alguns se considerem donos da campanha", disse ele.

Os metalúrgicos de S. Paulo e as eleições no Sindicato



Foto: L. Chelios Leite

Ocupação na Aços Paulista: 104 horas de batalha contra o desemprego, com o Sindicato na briga



Passada dos trabalhadores pelo centro de Vitória

Jornalistas e gráficos reagem ao fechamento de "A Tribuna"

Vitória. Todo o povo capixaba tem apoiado os 70 jornalistas e 36 gráficos de "A Tribuna", na luta contra o fechamento do segundo maior jornal do Estado, com 46 anos de existência. O movimento já produziu uma passeata, sete dias de greve de fome de dois jornalistas, em frente à redação, e a publicação de "A Tribuna Livre", que em sua primeira semana tirou seis edições.

O motivo do fechamento, segundo o Grupo João Santos, dono do jornal — que acaba de apresentar a candidatura Andrezza com um jatinho novo em folha — foi a decisão dos jornalistas de ir à greve caso se consumasse a demissão de seus colegas, Luiz Aparecido e Joeri Secreta. No fundo, o plano patronal é só reabrir o jornal junto com o canal de TV, que ganhou como concessão do governo Figueiredo. O Grupo não esperava a forte reação dos jornalistas, gráficos e da opinião pública, que proclamam: "A Tribuna sobreviverá ao Grupo João Santos". (da sucursal)

Paralisação de 30 mil da saúde

Rio de Janeiro. Cerca de 30 mil profissionais de saúde do Estado pararam por 24 horas, na terça-feira, dia 3, em protestos aos baixos salários e às péssimas condições de trabalho. Todas as unidades aderiram, só atendendo casos de urgência. Os grevistas — que na maioria recebem hoje Cr\$ 62 mil mensais — conquistaram o apoio da população distribuindo uma carta na qual declaram: "Temos

consciência das pressões sofridas pelos governos de oposição, vítimas da política econômica de uma ditadura decadente. Não podemos, entretanto, ser tábuas de salvação das incompetências na condução dos problemas do governo estadual". A paralisação teve o caráter de "advertência ao governo Brizola", mostrando que o setor poderá ir à greve contra o arrocho. (da sucursal)

Médicos: "Não à intervenção"

Os médicos de São Paulo votam esta semana, no terceiro escrutínio da eleição em seu Sindicato, ameaçadas de intervenção caso não se alcance o quorum de 40% dos eleitores, devido a uma inexplicável recusa da Chapa 2 em acatar como válido o segundo escrutínio — em que faltaram apenas 36 votos para atingir o quorum de 2.660 votantes.

As duas chapas concorrentes de votar os 280 que deveriam ter recebido cédulas de voto por correspondência, mas cujas cartas voltaram por não se localizar o destinatário. A Chapa 1, "UTI" (Unidade, Trabalho, Integração), aceitou prontamente a proposta, que garantia a livre manifestação da categoria nas urnas. Mas a Chapa 2, após reunir-se, recusou a oferta sem ao menos tentar justificá-la perante os médicos — numa muda confissão de derrota.

O próprio juiz do TRT que acompanha a eleição propôs



Arleide, do Comitê Contra o Desemprego, cercada pela PM

PM impede protesto no Largo 13

São Paulo. Mais de mil populares chegaram a se concentrar no Largo 13 de Maio, para uma manifestação de pânfilos vazias, exatamente um ano após a rebelião da fome dos desempregados da Zona Sul paulista, em 4 de abril de 1983. Mas encontraram a praça tomada por mais de 200 PMs, chefiados pelo capitão Nóbrega, que provocaram até um início de tumulto quando chegou uma passeata de favelados da Vila Olim-

pia, batendo pânfilos. Quatro desembargados foram detidos por algumas horas.

Maria Arleide Alves, do Comitê de Luta Contra o Desemprego, ressaltou que, 12 meses após a explosão de revolta que sacudiu a Zona Sul, nenhuma das reivindicações dos desempregados foi atendida. Porém, diante da disposição belicosa da PM, o Comitê julgou melhor cancelar o ato.



A luta incluiu desde greve de fome até enterro, simbólico

Êxito na luta dos refeitórios

João Pessoa. Valem a pena os 15 dias de reuniões, assembleias, greves de fome e uma passeata com mais de 10 mil participantes — o enterro da política do MEC, do FMI, da LSN e das indretas — do estudantes da Universidade Federal da Paraíba. A mobilização resultou na reabertura dos restaurantes universitários, a Cr\$ 120,00 o almoço, Cr\$ 100,00 o jantar e Cr\$ 70,00 o café da manhã.

Os preços foram reduzidos de um acordo entre o DCE, a Retoria e o Governo do Estado, sendo alcançados em assembleia por mais de mil estudantes.

Segundo Marcos César, presidente do DCE, esta "foi uma vitória da luta dos estudantes, que desde o início veio num crescimento ampliando o apoio de toda a população". (da sucursal)

Saiu o edital convocando eleições para a diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, dias 2, 3, 4 e 5 de julho. A gigantesca categoria de 330 mil operários, 70 mil sindicalizados, começa a discutir apaixonadamente o assunto, que repercute em todos os meios sindicais. Em que condições se escolherá a direção do maior sindicato do Brasil?

Como se recorda, na eleição passada, em 1981, a chapa de situação teve 21 mil votos contra 15 mil da Chapa 2 e 7 mil da Chapa 3. Ganhou apertado, no segundo escrutínio, graças aos aposentados e pequenas empresas (turnas da sede e itinerantes), perdendo nas urnas das fábricas. O resultado espelhava um forte repúdio, na categoria, à fase negra que o Sindicato vivera desde a intervenção que se seguiu ao golpe de 1964.

Logo na campanha salarial de outubro daquele ano, uma proposta capituladora da diretoria, de trocar a produtividade pela estabilidade, foi rejeitada em assembleia. Era mais uma advertência: a diretoria não teria como ignorar a pressão da base por um sindicalismo de novo tipo.

Lula: "O Sindicato foi para a porta das fábricas"

De fato, de lá para cá, a prática da entidade sofreu mudanças visíveis. A ponto de um forte cabo eleitoral da oposição em 1981, Lula, afirmar à revista "Isto É", de 3 de agosto de 1983: "Poucos sindicatos no Brasil têm feito o trabalho de base que está sendo feito hoje nos metalúrgicos de São Paulo, que têm Joaquinão como presidente. O Sindicato deixou de ter uma política defensiva e foi para a porta das fábricas, encampar aquilo que até outro dia era privilégio de oposições sindicais".

Lula fez o elogio logo após a greve geral de 21 de julho, decidida numa reunião de 140 entidades, na sede dos Metalúrgicos de São Paulo. O Sindicato reuniu centenas de fábricas nas subdes para preparar o movimento. Distribuiu 1 milhão de convocatórias nas empresas e 1,2 milhão de manifestos ao povo em 60 feiras livres e nos estádios de futebol. É verdade que a "política defensiva" não foi tão superada quanto diz o presidente do PT. O Sindicato de Joaquinão, como o de Jair Meneguelli e outros, encaminhou uma greve passiva, com os operários

Manifesto aos operários

Aurélio Peres, operário da Calol eleito deputado federal, Eustáquio Vital, da Metal Leve, e Neleu Alves, da Zona Leste, assinam este Manifesto que tem sido distribuído na categoria:

Companheiros metalúrgicos — Em julho tivemos eleições no Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo. Definiu-se, assim, o rumo da maior entidade sindical do país numa época que promete ser dura, cheia de choques de classe, greves gerais e lutas mais avançadas, decisivas para o futuro da nossa classe e do Brasil.

Não que em 1981 lançamos a União Metalúrgica — hoje uma corrente de pensamento sindical respaldada e enraizada nas fábricas —, expondo nossas ideias para um debate aberto e fraternal com toda a categoria.

1. O governo militar arrastou o Brasil há sete milhões de desempregados; uma inflação de 230%; o FMI dá às ordens; cada trabalhador paga anualmente Cr\$ 465 mil pela dívida externa; nossa categoria é das que mais sofre. Em 1981 eram 426 mil nas fábricas; hoje não passamos de 330 mil. Os patrões usam o lucro e os decretos de arrocho salarial para jogar todo o peso da crise no nosso ombro. Vivemos na insegurança.

2. Nenhum metalúrgico da categoria ou o sindicato têm culpa por essas calamidades. O culpado é o governo Figueiredo, Delfim e Cia. Está provado: enquanto esta greve mandam, não haverá salvação para o país, nem para os trabalhadores.

3. O povo ganha na rua para acabar com a lama preta vergonha. Só neste início de ano, 2,8 milhões de brasileiros foram aos comícios na campanha por eleições diretas já, que apenas começou. O ato da S4 teve 400 mil pessoas. O próximo pode ter mais que o dobro.

4. O agrado de tamanha festa não é que as diretas sejam um remédio milagroso. É que o povo vê nessa campanha a forma prática de pôr abaixo o regime atual e escolher, de mesmo, o novo governo. Estas duas questões são vitais para nós, metalúrgicos, e nosso Sindicato. Não somos uma ilha. Vivemos nos bairros, sofremos e lutamos num país concreto. A eleição em nossa entidade se dá dentro dela. Faz parte disso levar em conta a situação real do Brasil de hoje.

4. Nossa luta finalmente encontrou eco no sindicato. Constatamos que nós, metalúrgicos de São Paulo, atualmente temos o apoio do nosso Sindicato, governo e patrões. Entretanto, pela catástrofe e pela crise social, o Sindicato vem mudando. Tornou-se presente nas fábricas. Conduz as lutas, o plano sindical, o lugar do que podem e precisam ser. Necessitamos com urgência de uma entidade renovada, forte, influente, de oposição sem tréguas à exploração patronal e ao governo autoritário.

5. A sindicalização, a presença nas assembleias, o próprio prestígio de nosso Sindicato são o lugar do que podem e precisam ser. Necessitamos com urgência de uma entidade renovada, forte, influente, de oposição sem tréguas à exploração patronal e ao governo autoritário.

6. E hora de todos nós, metalúrgicos, tomarmos nas mãos o destino do nosso Sindicato. Enchemos as nossas multiplicadas e sindicalizadas; jogamos a máquina sindical a pleno vapor na ação classista. Reforcamos a nossa organização dentro das empresas, conquistamos poderosas comissões de fábrica; conquistamos todo o peso do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo na construção da unidade dos trabalhadores e do Povo.

7. Em tais circunstâncias não podemos, em hipótese alguma, dividir nossas fileiras. E menos ainda afrontar o combate aos exploradores que arrastam o nosso povo a aferradas destas lutas.

8. Lutamos para que seja uma diretoria de unidade de todos os metalúrgicos, com forte participação da grande fábrica, representativa do conjunto da categoria, apesar da resistência de alguns companheiros. Não queremos nos limitarmos a compreender a necessidade da nossa unidade. Esta luta levamos a participar da CHAPA 1, em composição com os nossos princípios, plataforma comum imediata; combate à política de fome do governo e FMI; por eleições diretas já; contra as intervenções; pela liberdade e autonomia sindical; pela renovação e fortalecimento do nosso Sindicato. Estamos convencidos de que esta é a maneira consistente com os nossos princípios e com as necessidades de toda a categoria. Somar forças na luta contra o governo autoritário, o regime militar e os patrões.

Chamamos todos os companheiros e companheiras para que se unam a nós no combate para construir um Sindicato de categoria, livre e independente. A unidade é a força da nossa classe. É nela que apostamos.



Vital, delegado da Metal Leve: pelo fim do regime militar

quisesse ouvir: "Este aqui é para matar Passarinho!". É evidente que essa faixa se radicalizou.

E os operários das pequenas e médias empresas? Eles fizeram a maioria das 66 greves por fábrica de 1983 (em 1984 o ritmo chegou a duas por semana). São quase sempre greves contra demissões ou atrasos nos salários. E chegam a assumir formas avançadas, como na Aços Paulista, que em junho passado fechou as portas e demitiu seus 300 operários: o Sindicato coordenou a ocupação da fábrica durante 104 horas, até os patrões do potente grupo americano Allis-Chalmers concederem três salários de indenização aos demitidos. Assim, também esta parcela aprendeu a exigir mais do Sindicato do que simples atividades assistenciais.

Propostas das oposições foram levadas à prática

Para adaptar-se aos novos tempos, o Sindicato terminou levando à prática várias medidas reclamadas pelas oposições. Passou a estar na porta das fábricas e na dianteira das greves. Na paralisação da Villares, chegou a formar uma muralha com 12 peruas, em frente aos portões da firma que os trançou com cadeados. Com isso garantiu a assembleia de 3 mil operários, que deflagrou a greve concluída após três dias com a conquista de 90 dias de estabilidade.

Em 1981, Aurélio Peres, da Chapa 3, frisava a necessidade de o Sindicato "abrir subdes nas áreas de concentração". E Valdemar Rossi dizia que um Sindicato "verdadeiramente democrático" era "a principal proposta da Chapa 2", destacando: "Nosso propósito é abrir o Sindicato para a categoria e criar subdes próximas aos locais de trabalho". Hoje foram algumas subdes nos centros operários de Santo Amaro, Socorro, Vila Prudente, Vila Livieiro, Tatupá e Lapa. E em abril, inaugurou-se a subde própria do Largo 13 de Maio.

Também democratizante foi o 6º Congresso dos Metalúrgicos de São Paulo, concluído no 1º de Maio passado, com 1.128 delegados eleitos em 350 reuniões preparatórias. Tão democratizante que, quando a diretoria quis culpar apenas os ministros econômicos pela crise, os delegados retrucaram que "tem que demitir" e Figueiredo, todo o fim do regime militar. A greve geral também foi aprovada ali, assim como as Cavalarias à Brasília, decisivas para a derrubada dos decretos-leis 2.024, 2.045 no Parlamento.

Outra justa reivindicação das oposições era "a formação de comissões dentro das fábricas", como sublinhava o manifesto da Chapa 3, em 1981: Para Rossi, a Comissão não deve ser "um grupo de operários que estão dispostos a trabalhar para essa diretoria", mas "deve ser eleita livremente por todos os companheiros". Algumas Comissões foram assim conquistadas em greves que o Sindicato puxou, como na Barbara e Sprecher Shulh.

Há ainda o velho problema da sindicalização. No passado as oposições denunciavam discriminações. A diretoria segurava as fichas e priorizava seus redutos eleitorais nas pequenas firmas, onde os operários dependem da assistência médica do Sindicato. Já no fim de 1983, pela primeira vez, houve uma campanha de sindicalização em massa — 10 mil —, dando preferência às grandes fábricas. Só na Metal Leve, hoje a campeã em número de sócios, movimento de dois dias sindicalizou 295 operários. A taxa geral de sindicalização continua fraca, 21,2% da categoria, contudo melhor do que os 15,5% de três anos atrás.

Por fim, houve mudança também na política geral que orienta o Sindicato. Antes era de apoio rasgado à ditadura. E este foi um dos cavalos de batalha das oposições em 1981, em especial da Chapa 3, União Metalúrgica, que centrou sua campanha contra o regime militar antioperário. Entretanto o isolamento dos donos do poder terminou jogando a prática da entidade no leito oposicionista.

Na campanha das diretas já, embora não chegue a ser uma exceção no quadro ainda morno do movimento sindical, o Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo foi o primeiro a fazer um ato pró-diretas, com 500 operários, em 18 de novembro. Para convocar o comício de 25 de janeiro, fez 80 micromícios de porta de fábrica, 20 manifestações em concentrações operárias, soltou 500 mil volantes nas feiras. Já é alguma coisa.

Eleição deverá levar adiante as mudanças

Esta realidade abre espaço para os metalúrgicos dotados de visão classista expandirem consideravelmente sua luta para fortalecer, renovar, unificar e dar impulso ao maior sindicato do país. E, para as próximas eleições, permite que os eleitores da União Metalúrgica, assim como uma boa parcela dos que apoiaram a Chapa 2 em 1981, lancem uma chapa de composição com a atual diretoria. (Altamiro Borges, Bernardo Joffily)

FALA O POVO

Comitê de bairro por diretas surge em Ouro Preto

Nos moradores do Morro Santa Ana, formamos um Comitê e passamos o primeiro daqui de Ouro Preto.

Somos um povo livre, e com capacidade de escolher o que é melhor para nós. O Brasil não precisa depender de outros países, pois ele tem meios de sobrevivência.

Por isso temos que dar o grito. Não vamos aceitar de

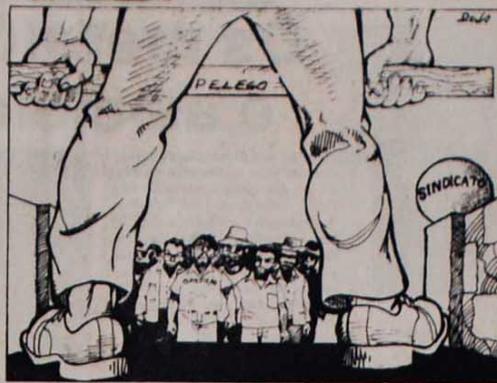
braços cruzados o que eles querem. Vamos lutar, nós somos um povo livre e temos o direito de escolher o melhor.

Tem um lema que diz: "Presidente quem escolhe é a gente".

Vamos todos juntos nessa luta que, nós, brasileiros, temos e podemos escolher nosso futuro presidente!

As frases seguintes são de

minha autoria: "Queremos um governo melhor"; "Preferimos eleições diretas, pois com elas escolheremos o que é melhor para nós"; "Ouro Preto, em frente pelas diretas!"; "Nós amamos nosso país e por isso pedimos eleições diretas na frente e avante a democracia"; (Maria Cirene, secretária da Associação de Bairros de Morro de Santa Ana-Ouro Preto, Minas Gerais).



Bertoldo volta a perseguir oposição no sul do Pará

O Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Conceição do Araguaia, que tem na sua direção o super-pelego Bertoldo Siqueira de Lima, está para realizar novas eleições. E para a atual diretoria se organiza para disputar e vencer este pleito. Quando souberam que as eleições estavam marcadas para 13 de maio próximo fizeram o registro de sua chapa e entraram em ritmo de campanha formando Comitês de Apoio no sertão e bairros da cidade.

Sindicato". Como ela não respondia, eles jogaram álcool em sua roupa e na sua cabeça, ameaçando queimá-la. Ela mostrou uns papéis debaixo do colchão. Estes homens pegaram estes papéis e queimaram. Depois foram embora.

No dia 18/03, às 12:00 horas, dois elementos mascarados entraram na casa de um dos membros da chapa, Valdemir Gomes de Farias, no bairro do Emerêncio. Estava somente a sua esposa, Luiza Pinto Farias. Apontando armas para ela, eles a amarraram e exigiram que ela entregasse "os papéis do

O que se nota é que a atual diretoria (reeleita no pleito de 1981 através de inúmeras fraudes e da brutal repressão da polícia e de órgãos governamentais sobre os trabalhadores), prevenindo sua possível derrota, quer prorrogar o prazo para as eleições, procurando ganhar tempo e tentando intimidar os membros da Chapa de Oposição. Mas esta tentativa será em vão, porque os lavradores já não aceitam mais ver o seu Sindicato em mãos de quem não respeita a classe e não trabalha realmente pelos seus interesses. (A.M.-colaboradora da TO em Conceição do Araguaia-Pará)

Cordel das eleições

Carlos Nobre está sempre presente em todas as lutas democráticas e que envolvem os interesses populares. E é nesta luta que o seu tino poético se manifesta. Assim foi na gloriosa campanha pela anistia, nas eleições de 82 e agora na batalha pelas diretas.

No grande comício de Cratéis, o povo vibrou quando o animador leu este cordel pelas diretas de sua autoria:

*Peço à deusa da poesia
Que me dê inspiração
Para dizer nestes versos
Qual a minha opinião
Sobre a forma mais decente
Para eleger o Presidente
Na futura sucessão*

*Só o povo é soberano
Sobre o direito sagrado
De eleger seu Presidente
Que há muito vem sendo botado
Por um colégio eleitoral
Espúrio, falso e imoral
Pelo povo contestado*

*O povo não suporta mais
Esta afronta popular
Por isso em todo o Brasil
Vamos botar pra quebrar
Em todo canto e endereço
Exigindo a qualquer preço
Eleições diretas já*

*Ouve-se por toda parte
Pessoas dizer contente
Na próxima eleição eu quero
Votar para Presidente
É um direito sagrado
Que foi o povo usurpado
Por quem não respeita a gente*

*Solução definitiva
Para seca e o Nordeste
Armazenando suas águas
Reforma agrária que preste
Criando infra-estrutura
Para produzir fartura
No sertão, serra e agreste*

*Tem que punir os responsáveis
Mandantes e torturadores
Fim dos órgãos de repressão
Mensajeiro de horrores
A tortura é um pecado
Que só pode ser praticado
Por malditos traidores*

*Apuuração criteriosa
Dos escândalos financeiros
Jogar no olho da rua
Os nomes dos caloteiros
Estes ladrões descarados
Devem ter os bens confiscados
Pra não serem mais brasileiros*

*Agora muita atenção
Para o que vou dizer aqui
Rompiemento imediato
com o FMI
A dívida externa pra pagar
Não dá nem pra descontar
O que já levaram daqui*

*Com estas bandeiras em punho
Já podemos jogar
Na luta pelas diretas
Do Amazonas ao Pará
Formemos uma grande frente
Pra varrer do continente
O regime militar.
(Grupo de amigos da TO - Cratéis-Ceará).*

5 mil no comício de Patos, MG

Mais de 5 mil pessoas participaram do grande comício de Patos de Minas (90 mil habitantes) no último dia 17. Estiveram presentes os deputados federais José Mendonça (PMDB) e Luis Dulce (PT), o deputado estadual José Maria Vaz Borges (PMDB), o vereador Francisco Luciano (Bloco Popular de Belo Horizonte), além de vários prefeitos e vereadores da região. Falaram também representantes dos estudantes, associações de bairros, **Tribuna Operária** e sindicatos.

O vereador Francisco Luciano foi um dos mais aplaudidos ao explicar a culpa dos militares e do PDS pela situação de miséria e dependência em que se encontra o país.

O orador da **Tribuna Operária**, Wilson Pinheiro, denunciou o envolvimento dos ministros do general Figueredo e de familiares nos casos de corrupção. Disse também que o general Figueredo não tem apoio moral nem político para aparecer na TV e defender as eleições indiretas pois não foi eleito pelo povo. Terminou o discurso dizendo que nenhum general ou qualquer outra pessoa do Planalto que merece ser chamado de brasileiro impedirá que o povo nas ruas e organizado conquiste as eleições diretas já. (Wilson Pinheiro-amigo da TO no Triângulo Mineiro-Minas Gerais).

E o feijão?

*Cadê, onde está, o feijão,
a cebola, a carne e o feijão
produtos que vêm de fora
porque lá se faz plantação*

*O indispensável some...
só não some a inflação
o desgoverno que aí está
há 20 anos,
afundando esta nação*

*Costas ruins devem sumir
e não deixar diretas
20 anos de sufoco
foi mal pra toda a nação.*

(Um aposentado de 73 anos que não se conforma com o preço do feijão-SP)

UBES prepara congresso e busca reforçar a unidade

Estamos a mais de um mês do maior Congresso da UBES, evento que se realizará num momento extremamente importante da vida nacional. O regime militar entra numa encruzilhada e vê a terra aos seus pés: esse seria o resultado inevitável de sua política entreguista, repressiva e anti-cultural.

Os 20 anos em que os generais se rezevaram no poder levaram o ensino de 1º e 2º graus a uma crescente privatização, onde a rede privada domina hoje 12,5% e 43,4% respectivamente. A queda do nível de ensino foi brutal.

Em contrapartida os estudantes não deram tréguas, resistiram de acordo à época e em 1981 reorganizaram sua trincheira de luta: a UBES. Nessa tarefa tiveram especial destaque os companheiros de **Viração**.

Justamente por termos responsabilidade com o futuro é que precisamos atuar corretamente no presente. No momento de preparação do Congresso afluam os debates. Colocam-se num patamar mais elevado as disputas salutares do movimento e para isso precisamos saber onde e como pisar no caminho.

Só uma grande frente democrática, patriótica e popular terá condições de jogar por terra os planos continuistas do MEC e do regime militar. Temos que ser uma força viva nesta frente, defender sua unidade e criticar as posições vacilantes. A UBES, que ainda vive um processo de reconstrução, precisa de uma diretoria ampla, onde participem amplos setores, contribuindo para o seu fortalecimento, baseado num programa claro e definido.

Enormes responsabilidades pesam sobre nossos ombros. Um grande Congresso precisa de um grande número de delegados e estes por sua vez de finanças, transporte



para o deslocamento até Osasco, etc. Para isso orientamos:

a) traçar um plano imediato de finanças, com despesas de transportes, inscrição do participante (CR\$ 4.000,00) no Congresso, alimentação no Governo do Estado, Secretarias de Estado, passar em salas-de-aula pegando contribuições, fazer rifas e festas, passar filmes etc.

b) estabelecer uma meta X de delegados no seu Estado, cidade ou escola. Montar um mapa com as escolas a serem visitadas tirando responsáveis por cada uma; preparar um calendário diário de eleição dos delegados; preencher corretamente a ata e controlar rigidamente a execução do plano.

Os companheiros de São Paulo tiveram a idéia de montar um plantão diário para preparar o Congresso. Fica a idéia. Qualquer dúvida escreva para a Coordenação Nacional de **Viração** e mande o relato das atividades de sua cidade. (Apolinário Rebelo-Presidente da UBES-Rua Humberto I, 1018, casa 18 - Vila Mariana - CEP 04018 - São Paulo-SP).

Itapetinga comemora Dia Nacional dos Estudantes

No dia 28 de março, data da morte de Edson Luiz, comemorou-se o Dia Nacional dos Estudantes pelas diretas já. Houve boa mobilização dos estudantes articulada pela própria UBES de Itapetinga. Daremos o nome de Edson Luiz ao mural instalado no maior colégio da cidade.

Neste dia em algumas salas-de-aula foi feito um minuto de silêncio em homenagem ao estudante cuja luta foi interrompida por uma bala assassina do regime militar. A Câmara de Vereadores reconheceu o 28 de março como Dia Nacional de

Luta dos Estudantes, em homenagem a Edson Luiz.

Queremos ao mesmo tempo repudiar a atitude arbitrária da direção do colégio Polivalente, que ameaçou de expulsão dois estudantes por estarem distribuindo panfletos.

Itapetinga sempre foi palco de lutas estudantis. Neste ano retornaram três dos cinco estudantes expulsos por participarem da chapa de oposição do centro cívico do Colégio Alfredo Dutra. (Jorge Ferreira, Comissão Pró-UMES-Itapetinga, Bahia).



fala o POVO

Nossa seção continua em ritmo de campanha pelas diretas, vibrando com o entusiasmo de todo o povo nesta luta, que não se encerra a 25 de abril. Nesta batalha se destaca a criação dos comitês de bairros, escolas, empresas etc., como o de Ouro Preto, em Minas Gerais, que abre espaço para o povo lutar organizado.

Neste número destacamos também a carta da leitora de Conceição do Araguaia, denunciando as violências e arbitrariedades dos pelegos no Sindicato dos Trabalhadores Rurais. É preciso ler a carta para crer. Não podemos esquecer aqui do Gringo, candidato à diretoria deste sindicato pela oposição e assassinado cruelmente antes das eleições. Você está presente, companheiro! (Olívia Rangel).



UMES de Belém comemora meia passagem

Secundaristas de Belém conquistam a meia passagem

Ecoam pelas escolas secundaristas de Belém os brados da vitória. A meia passagem para os estudantes é uma realidade após consecutivos anos de luta. É um episódio marcante para o movimento estudantil paraense.

Passados os negros anos da repressão política, retomou-se em 1979 a luta pela meia passagem. Em 1981, com a construção da União Municipal dos Estudantes Secundaristas, UMES, no seu I Congresso, a luta passou a ser dirigida de forma mais objetiva, organizada e combativa. Como é tradição, os secundaristas não ficaram parados.

Os companheiros da atual diretoria, eleitos no II Congresso, em 1983, imprimiram um maior dinamismo às lutas secundaristas e ampliaram a participação dos estudantes e seus centros cívicos.

Desta forma, no dia 15 de março deste ano, consolidou-se esta importante conquista. Num clima de ato público festivo os estudantes viram o governador eleito assinar o convênio da meia passagem. Ganharam os estudantes, ganhou o povo. O quanto não irá representar um abatimento de 50% no orçamento de transporte de um operário que tem seus filhos matriculados em escolas secundaristas?

Mas os secundaristas prosseguirão sua caminhada de lutas rumo ao ensino público e gratuito para todos e por um governo que defenda os interesses do povo, apoiando as eleições diretas, anseio maior da juventude e da população como um todo.

A juventude paraense não poderia deixar de colocar a vitória da meia passagem como uma especial homenagem ao estudante paraense Edson Luiz, morto no restaurante Calabuço no Rio de Janeiro, vítima da repressão policial de um regime arbitrário. (Redenção Nazaré da Silva-Belém, Pará).

Cáspier Libero reforça Dia de Luta Pelas Diretas

No dia 28 de março os estudantes universitários e secundaristas realizaram um Dia Nacional de Luta pelas eleições diretas e pelo fim do regime militar. Nossa escola, a Faculdade Cáspier Libero, teve grande participação na manifestação de São Paulo.

No início de março, foi organizado o Comitê pró-diretas da faculdade, que reúne na luta pelas diretas estudantes, professores e funcionários. Apesar de até agora a participação estar praticamente restrita aos estudantes, o Comitê tem sido unitário e mostra a ressonância da campanha pró-diretas nas Universidades.

A importância de um Comitê pró-diretas na escola se demonstrou no dia 28: paralisamos as aulas nos dois períodos, manhã e noite. Reunimos os colegas e fomos em passeata até a praça da Sé.

Além de fortalecer nossas entidades gerais, UNE e UEE, estação aumentou a "unidade e a combatividade dos estudantes da Cáspier. Para todos nós, principalmente os calouros, foi muito importante sair às ruas e somar-se à luta do povo brasileiro pelas diretas. Estamos muito animados para repetir a dose no dia 16, participando com maior destaque da passeata de São Paulo pelas diretas já. Estudantes da Cáspier amigos da TO, São Paulo, SP).

Professores unidos na greve

Os professores paulistas da rede estadual estão em greve, num dos maiores e mais unificados movimentos já realizados pela categoria. Todas as entidades ligadas ao magistério aderiram à paralisação, apoiando a reivindicação de aumento de 70% já, entre outras. Em Minas Gerais, os professores estaduais também conseguiram mais de 90% de adesão a sua greve.

Entrevistado pela Tribuna Operária dois dias antes da deflagração da greve, na terça-feira, o professor Gumercindo Guilhem presidente da Associação dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo, Apeesp, declarou: "Jamais houve em São Paulo uma mobilização tão intensa de professores, incluindo

lian Martins, professora na EPSG Aroldo de Azevedo, membro da comissão de negociação. Ambos consideram que uma das razões deste nível de mobilização foi a unidade do magistério paulista. "Todas as entidades da categoria aderiram ao movimento — ressalta Gumercindo. Contamos com o apoio do Centro do Professorado Paulista, CPP, da Associação Paulista de Supervisores de Ensino e da Udem, União de Diretores de Escolas do Magistério Oficial". Para Lilian, essa unidade "é tão significativa, que já é possível pensar em dar os primeiros passos para concretizar um sonho do magistério paulista, a construção de uma entidade única da categoria".

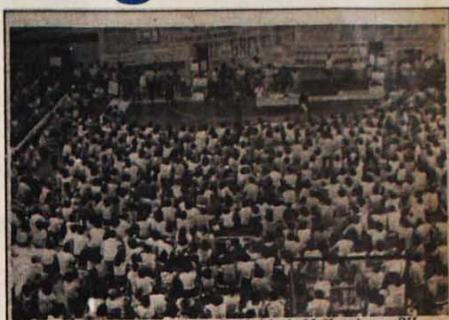
fessores conseguiram unificar todas as entidades ligadas ao magistério. Por isso mesmo, a assembleia que decidiu a greve, no sábado, 31 de março, contou com cerca de 12 mil professores, defendendo as mesmas reivindicações.

Os professores paulistas exigem aumento salarial imediato de 70%; reajustes semestrais reais de acordo com a inflação e piso mínimo de Cr\$ 153 mil para os professores de 1º grau, sem contar os aumentos de 70%. Exigem, ainda, que todos os professores, efetivos, substitutos ou provisorios, tenham contados dias corridos. É que atualmente o salário é contado apenas por dia de trabalho, sem contar fins-de-semana, feriados, e dispensas médicas, por exemplo. Dessa forma, para se aposentar, poderia ocorrer, por exemplo, que um professor fosse obrigado a trabalhar até 40 anos...

Os professores buscaram a compreensão e o apoio de pais e alunos. Na quarta-feira foram realizadas reuniões nas escolas. No Colégio Maria José, o comparecimento foi significativo: com um total de 1.400 alunos, cerca de 70 pais compareceram em cada turno, ou seja, os pais de cerca de 15% dos estudantes da escola.

A greve vem sendo preparada desde novembro último

A greve dos professores paulistas teve diversas etapas. Foi preparada, na prática, desde novembro do ano passado, durante o Congresso Estadual anual. Em fevereiro, foram eleitos 1.500 representantes de escola — o que corresponderia a delegados sindicais. No dia 17 de maio, em assembleia no Pacaembu para discutir suas reivindicações, os pro-



Cerca de 5 mil professores lotaram o ginásio do Mackenzie, em BH

Minas deu a partida

Os professores mineiros da rede oficial de ensino encontram-se em greve desde o dia 30 de março, exigindo piso salarial de Cr\$ 150.000,00 para os docentes de 1º grau e de Cr\$ 100.000,00 para os serventes, muitos dos quais ganham hoje Cr\$ 34.000,00. Querem também efetivação dos convocados, 13% salário e reajuste semestral.

A greve foi decidida em assembleia realizada no dia 29, em Belo Horizonte, por 5 mil professores que lotaram o Ginásio do Mackenzie, representando 50 cidades do Estado. No dia seguinte, foram às escolas explicar aos pais e aos alunos as razões de sua decisão. Desde então, vem crescendo a adesão ao movimento. Ao fecharmos esta edição, segundo os organizadores, 110 mil professores estavam parados, de um total de 180 mil.

As reivindicações foram elaboradas em assembleia da categoria ainda no final de 1983. Em fevereiro deste ano, iniciaram-se as gestões junto ao governo que criou uma comissão de secretários para encaminhar as negociações. A partir de então, realiza-

ram-se quatro reuniões entre esta comissão e o comando de greve, formado pela Associação dos Professores Públicos de Minas e a União dos Trabalhadores do Ensino.

Segundo Ângela Andrade, do comando, "estas negociações não evoluíram muito". Dessa forma, foi convocada uma assembleia para o dia 17 de março, quando se esperava a divulgação dos índices de reajuste. "A decisão não poderia ser outra senão a greve, já que até então não havia nenhum pronunciamento oficial do governo" — disse Ângela.

Decretada a greve, as negociações com o governo só foram retomadas em 2 de abril, mesmo dia em que o governador Tancredino Neves afirmou publicamente que o movimento era "inoporuno, ilegal e impatriótico, imposição de uma minoria de exaltados". Mas, frente a adesão ao movimento, o governo fez uma contraproposta: piso de Cr\$ 130.000,00 para os professores e abertura de concurso público para orientadores e supervisores. Os professores avaliarão a proposta em assembleia. (da sucursal)

OPINIÃO

Greve não é subversão

Alguns políticos opositores afirmam que movimentos populares como o dos professores, que ora ocorre em São Paulo e Minas, visam a desestabilizar os governos de oposição eleitos em 1982. A verdade é que os trabalhadores têm exigências objetivas e concretas, como o reajuste pedido pelo professorado, para melhorar suas condições de vida e de trabalho. Cabe aos governos democráticos apoiar estas reivindicações, inclusive contribuindo para pressionar o governo federal, principal responsável pela difícil

situação enfrentada pelos trabalhadores. O povo elegeu governos de oposição esperando que eles atuem corretamente diante de suas reivindicações.

É inteiramente justo que os professores façam greve para conquistar direitos elementares. Salários dignos e condições mínimas de trabalho não podem jamais ser considerados como absurdos ou "subversivos", eterna alegação do regime militar. A luta dos professores merece apoio e compreensão de todos os democratas e dos governos opositores.

Os professores conquistaram o apoio dos pais

O clima na reunião era de simpatia para com a reivindicação dos professores. Quando Raquel Guizzoni, do comando de greve, falou sobre as dificuldades enfrentadas pelos professores, uma das mães levantou-se e disse: "Sei como é isso. Meu marido é funcionário público. E sabemos que é dureza conquistar os direitos. Só com luta mesmo, e união de todos".

Sobre as perspectivas do movimento, Lilian afirma: "A greve é um instrumento legítimo dos trabalhadores para fazer valer seus direitos. Não podemos trair com os interesses de uma categoria, seja qual for o governo. O professorado votou maciçamente no governo de Montoro. Esperamos que ele tenha sensibilidade para atender as reivindicações deste importante setor da população". (Olívia Rangel)



Os pais apoiaram a greve dos professores: Na EEPSP Maria José, a professora Raquel explica as razões do movimento



Lilian, da comissão de negociações



Gumercindo, presidente da Apeesp

"Operação tartaruga" em São Bernardo

"Se os patrões querem nos pagar pouco, então nós também vamos trabalhar pouco". A frase é de um operário da Ford e mostra a disposição dos metalúrgicos de São Bernardo que iniciaram "operação tartaruga" no dia 2. Em outras cidades do interior paulista os trabalhadores em campanha salarial também protestam contra a intransigência patronal. (ver box).



Na assembleia de sábado, os metalúrgicos decidiram reduzir os estoques das empresas

Decidida por cerca de 5 mil operários nas duas assembleias do final de semana, a "operação tartaruga" tem obtido êxito. Segundo cálculos da diretoria cassada do Sindicato, até quarta-feira 43 mil dos 107 mil metalúrgicos de São Bernardo e Diadema aderiram ao movimento e é certo o aumento da adesão nos próximos dias. Houve grande redução na produção de quatro empresas: Volks, Ford, Perkins e Volks Caminhão. Nelas os operários possuem um bom nível de organização interna.

A própria Ford admite que deixou de produzir quase mil carros nos dois primeiros dias do movimento, tendo um prejuízo de Cr\$ 8 bilhões. Sua produção diária caiu 70%, passando de 369 automóveis produzidos normalmente para 90. Na Perkins, houve uma queda de 120 para 42 motores; na Volks Caminhão, de 24 para 9 veículos; e na gigantesca Volks, com 30 mil empregados, calcula-se uma queda de 40% na produção. Na Merc-

des, a "operação tartaruga" atingiu apenas a linha de montagem de motor "devido à forte repressão, com chefes e até agentes da polícia federal vigiando os operários", garante um ativista da empresa.

Os operários demonstram grande criatividade no movimento. Um ativista relata como os trabalhadores reduzem a produção: "O pessoal está caprichando na qualidade das peças, limpando as máquinas, trocando o paquime-

tro. Também têm ocorrido problemas de desintoxicação com muito peão indo ao banheiro. Outros ficam doentes, vão ao médico. Quando quebra uma ferramenta, o peão vai ao almoxarifado e pega uma outra errada, por engano".

REDUZIR O ESTOQUE

A "operação tartaruga" foi uma contra-ofensiva da categoria que surpreendeu os empresários. Eles davam como certa uma nova greve e haviam se prepa-

rado para enfrentá-la. Há meses a Ford e a Volks intensificaram as horas extras, aumentando seus estoques, e aos poucos vinham transferindo os carros para pátios distantes da área de conflito. Na semana passada, a Volks mandou lavar a canalização da casa de tintas, preocupada com uma paralisação que prejudicasse todo o sistema de pintura. Na sexta, a Mercedes revisou todas as máquinas da empresa, oleando-as para evitar ferrugem.

Paralisações no interior

Em outras cidades do interior de São Paulo, a campanha salarial dos metalúrgicos também resulta em confronto com o patronato, havendo inclusive a realização de greves isoladas. Os operários exigem 83,3% de aumento e os empresários oferecem apenas 69,9% — índice fixado pelo decreto de archo salarial do governo federal.

Em São José dos Campos, os 7 mil operários da General Motors paralisaram suas atividades na segunda-feira. Entraram na fábrica, bateram o ponto, fizeram um arrastão para pressionar os fura-greves e ocuparam a firma, dormindo no local. No dia seguinte, os grevistas cercaram o prédio central para evitar que os diretores voltassem para suas

casas. Também entraram em greve os trabalhadores da Ericsson, Bundy, National e Elevadores Koni. A Embraer, prevendo a paralisação, concedeu 10% acima do INPC.

Em Taubaté, na terça-feira, cruzaram os braços os 3.500 empregados da Ford. Nas outras firmas da região, os trabalhadores realizam "operação caranguejo", como foi batizado o movimento pelos dirigentes sindicais. Somente na Volks houve redução de 30% da sua produção diária de 300 veículos. Em Santo André, a "operação tartaruga" atingiu apenas a Otis. Mas na terça-feira já entravam em greve os 2.700 operários da General Electric e há expectativa de que a greve se generalize nesta semana.

Também comprou cadeados para trancar seus portões, prevendo que os grevistas ficariam acampados no interior da firma.

O que fica visível é que houve um atraso na preparação da categoria para esta campanha salarial. Diferente dos anos passados, quando logo no início da campanha os metalúrgicos reduziam as horas extras preparando-se para greve, neste ano foram os patrões que saíram na frente. Jair Meneghelli, presidente cassado do Sindicato, acredita que "os patrões apostavam na paral-

ização agora para nos desmoralizar. Eles se preparam melhor, fizeram muito estoque às custas das nossas horas extras".

Com a "operação tartaruga", os metalúrgicos pretendem obrigar a Fiesp (órgão dos empresários) a reabrir as negociações e conceder os 83,3% exigidos. Caso contrário, os operários não descartam a possibilidade de uma nova greve. "Vamos reduzir o estoque das fábricas e a qualquer hora podemos decretar a greve", conclui Jair. (Altamiro Borges)